

SEÇÃO DE ENTREVISTAS

*Entrevista realizada com **Claire Joysmith**, professora do Centro de Investigaciones sobre América del Norte (CISAN) na Universidade Nacional Autónoma do México (UNAM), e concedida às professoras da UFES Maria Mirtis Caser e Stelamaris Coser em junho de 2009.*

*De nacionalidade mexicana, Claire Joysmith é tradutora e autora de livros e artigos sobre a literatura e cultura do México e dos Estados Unidos e sua interrelação, e se dedica, de forma especial, às questões de gênero e à tradução cultural e lingüística. Desde o episódio marcante do 11 de setembro de 2001, desenvolve extensa pesquisa recolhendo depoimentos e relatos em torno daquele fato e de outros traumas e feridas por ele reavivados. Esses depoimentos, totalmente negociados por e-mail, foram compilados em dois volumes bilíngües, o primeiro intitulado *One Wound For Another/Una herida por otra: Testimonios de Latin@s through Cyberspace* (11 de septiembre de 2001-11 de marzo de 2002), editado por Claire Joysmith e Clara Lomas, acadêmica chicana. Publicado em 2005 pelas editoras da UNAM/CISAN, Whittier College e Colorado College, o livro tem prólogo escrito pela eminente escritora mexicana Ellena Poniatowska. O segundo volume, recentemente publicado pelas duas primeiras editoras e o Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Monterrey (2008), recebeu o título *Speaking desde las Heridas: Cibertestimonios Transfronterizos/ Transborder* (September 11, 2001-March 11, 2007), e prólogos apropriadamente “transfronteiriços” escritos por John Beverley, Cristina Rivera Garza e Antònia Oliver-Rotger.*

A convite do Mestrado em Estudos Literários (MEL/CCHN), a professora apresentou-se no campus da UFES em Vitória, em 04 de junho de 2009, proferindo palestra intitulada “Narrativas multivocales testimoniales por el ciberespacio: perspectivas transfronterizas y transculturales”. As debatedoras, professoras Stelamaris Coser e Maria Mirtis Caser, traduziram esta entrevista para a língua portuguesa.

Mirtis e Stelamaris: Claire, sabemos que a escrita de testemunhos tem recebido muita atenção nas últimas décadas por parte da crítica, público e editoras. Seu projeto parte da idéia de testemunho pessoal para criar um quadro multifacetado que mostra reações ao ataque às Torres Gêmeas de Nova York em 11 de setembro, situando a questão em um espaço transfronteiriço, entre México e Estados Unidos, ou entre a América Latina e os Estados Unidos. Poderia comentar a proposta e as razões que a motivaram?

Claire Joysmith: Como acadêmica de origem e nacionalidade mexicana, ainda que com origens e vivências culturais variadas, e como pesquisadora da literatura relacionada a fronteiras (quer da fronteira entre México e Estados Unidos, ou da fronteira de tradução cultural e lingüística, quer da fronteira de gênero), pareceu-me que a complexidade envolvida nesse evento sem precedentes significou e significa uma grande oportunidade de se documentar uma variedade de fenômenos culturais. O projeto permitiu e continua permitindo abordar questões delicadas e escorregadias de identidade e conflito a partir da multivocalidade das perspectivas das Américas, inclusive daqueles que vivem nos Estados Unidos e são de origem latino-americana/ sul-americana, isto é, os chamados *latinos* (como se diz nos Estados Unidos) ou *latinoestadounidenses* (como se diz em espanhol).

M e S: Como se fez a circulação da proposta e a solicitação de relatos? A quem eles foram enviados? Qual foi a resposta à sua idéia?

CJ: Em outubro de 2001 e depois em setembro de 2006, enviamos um convite de *testimonio*/testemunho pela Internet endereçado a pessoas que, de algum modo, estivessem envolvidas no âmbito acadêmico. Reunimos pessoas de várias *listservs* que compartilhamos, e pedimos que a mensagem fosse re-enviada a outros endereços/pessoas. Nesse convite, fizemos uma descrição breve do projeto, acompanhada de várias perguntas acerca das reações pessoais e circunstâncias vividas em torno do 11 de setembro. Clara Lomas e eu buscamos investigar a conexão daquele fato com possíveis conflitos ou

transformações, levando em conta identidade, comunidade, questões de raça, etnia, classe e gênero. Enfocamos ainda a relação México-Estados Unidos, entre outros tópicos que serviram de ponto de partida para os comentários e relatos dos entrevistados. O grande número de respostas recebidas resultou na organização de dois volumes de depoimentos, tendo o primeiro 316 e o segundo 652 páginas.

M e S: Os títulos dos livros chamam atenção para as feridas/heridas decorrentes da vivência na fronteira e de seus cruzamentos. Historicamente, a relação entre o México ou a América Latina com os Estados Unidos mostrou-se muitas vezes problemática e conflitante (vem-nos à mente o livro de Eduardo Galeano, As veias abertas da América Latina, de 1970). Qual a sua percepção de tais feridas, e como pretenderam elaborar ou interferir nessas relações?

CJ: Existem dois termos essenciais que surgem neste projeto e são metáforas das transfronteiras: um é ferida/herida(s) e o outro ponte/puente(s). Ambos se relacionam a fronteiras, que sempre convidam à travessia, ou ao muro que frequentemente separa, como o muro de concreto que se está construindo na fronteira entre México e Estados Unidos, conhecido como muro da morte ou muro da vergonha. A ferida é uma imagem utilizada por Gloria Anzaldúa, escritora chicana, poeta, ensaísta, teórica e pioneira dos estudos multiculturais. Em seu livro *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* (1987), incluído entre as 100 obras mais importantes do século XX, Gloria Anzaldúa escreve algo muito citado no âmbito multicultural, em diversos campos disciplinares: “A fronteira entre México e Estados Unidos é *una herida abierta* onde o terceiro mundo raspa contra o primeiro e sangra”. Mas essa ferida vira cicatriz e, da mesma forma, a fronteira se transforma em ponte. Como diz Anzaldúa em seu *testimonio*/testemunho incluído no livro *One Wound for Another/Una herida por otra*: “Todos nós fomos atingidos, mas podemos nos unir através da mesma dor que nos aliena dos outros” e “Quando a ferida se torna cicatriz, essa marca pode ser a ponte que liga pessoas tradicionalmente apartadas”. No México e nos Estados Unidos, o termo transfronteiriço se refere principalmente à relação

entre esses dois países, separados por uma fronteira real-fictícia demarcada por passagens de pedestres, estradas, piquetes policiais, a chamada “Migra” (Serviço de Imigração) e também o possível limiar da morte para muitos mexicanos e latino-americanos que a cruzam ilegalmente. Nesse contexto, a fronteira, onde também se cria um espaço entre-mundos/*borderlands* de resistência criativa e política (muito tratado em nível teórico pelos estudos *chicanos* estadunidenses), também se estende ou se *transfronteira* (pode-se dizer assim) até o extremo sul das Américas. Por outro lado, a intenção é também aludir às fronteiras internas dos estados-nação no continente e às fronteiras internas de identidade e de pertencimento. Essas fronteiras erguem muros e pontes que de novo parecem convidar à travessia e que, hoje em dia, por meio das tecnologias do ciberespaço, incluem-se também no âmbito da globalidade. O projeto foi pensado principalmente como uma prática de cuidar das múltiplas feridas, antigas e novas, dentro do contexto transfronteiriço.

M e S: O uso da Internet ou espaço cibernético foi uma imposição das circunstâncias, ou foi uma escolha adequada às características específicas desse veículo? Em relação à forma do texto, havia requisitos especiais, ou a opção ficou a critério de cada um dos que responderam ao projeto?

CJ: O ciberespaço e as tecnologias cibernéticas criam um espaço de comunicação transfronteiriça por excelência, lugar de fronteiras cruzadas, apagadas, remarcadas, reiteradas, etc. e, além disso, imediato: aparentemente não há barreiras nessa comunicação. No entanto, o medo se mostrou um muro muito intenso: medo de se expor de maneira íntima-pessoal, social e política diante da(s) comunidade(s), inclusive diante de um público cibernético sem rosto. Por outro lado, em outros casos esse mesmo anonimato facilitou o cruzar de pontes. Quanto à forma do *testimonio*/testemunho, houve bastante maleabilidade, o que possibilitou uma resposta multivocal diversa e criativamente inspirada. Os depoimentos nos dois livros incluem uma variedade de gêneros e formatos próprios da Internet, como mensagens e cartas enviadas por correio eletrônico, além de relatos pessoais, tipo diário, escritos

autobiográficos e confessionais, memórias, crônicas, notas jornalísticas, poemas, ensaios, contos, escritos de gênero misto e de tipo alegórico, *testimonios*/testemunhos coletivos, um epigrama, uma transcrição de uma performance oral, e também material pictográfico. Houve quem utilizasse a técnica de cortar e colar (*cut-and-paste*), formando colagens que juntam diferentes formas num mesmo *cibertestimonio*.

M e S: Merece destaque a partir dos títulos dos dois livros o bilingüismo e a relação do projeto com a idéia de tradução, tanto cultural quanto lingüística. Como você aborda a questão da linguagem, sabendo-se de antemão que é ponto muito conflitante no âmbito político e cultural para os latinoestadounidenses?

CJ: As narrativas testemunhais podem ser monolíngües, bilíngües e interlíngües, dependendo da escolha de cada pessoa. Graças à liberdade lingüística, a eleição da(s) língua(s) utilizada(s) para expressar emoções de grande profundidade adquiriu um significado ainda maior e resultou em implicações sociais, culturais e políticas adicionais. O código lingüístico utilizado nesses escritos, quer sejam espontâneos, confessionais, catárticos, quer sejam emocionalmente reservados, com uma tendência a maior objetividade ou análise, resulta sempre muito revelador quanto às formações, rupturas e deslocamentos identitários, já que cada participante pode haver pensado em um leitor implícito ao escrever e enviar seu escrito. Essas opções conferem visibilidade a questões transfronteiriças de grande complexidade, relacionadas com práticas e realidades cotidianas que moldam as experiências e expressões bilíngües, biculturais e/ou multiculturais dos participantes. Há *testimonios* que são monolíngües (em inglês ou espanhol), e há outros que foram enviados de forma bilíngüe, isto é, o mesmo texto nos dois idiomas, de maneira paralela. Por outro lado, também se enviaram *testimonios* nos quais o interlingüismo figura de maneira proeminente como marca visível de identidade. De acordo com Juan Bruce-Novoa no livro *Retrospace: Collected Essays on Chicano Literature, Theory and History* (Houston: Arte Público Press, 1990), p. 50: o interlingüismo, ou a mescla de línguas no mesmo texto,

“é uma prática lingüística altamente sensível ao contexto dos atos de fala, capaz de deslocar a mescla de línguas de acordo com as necessidades situacionais ou os efeitos desejados”. Continuando, Bruce-Novoa argumenta que “[essa prática] rechaça a suposta necessidade de manter o inglês e o espanhol separados em códigos exclusivos, e, em vez disso, trata-os como reservatórios de material primário que se pode moldar conforme a necessidade, e de maneira natural”. Por fim, as introduções e prólogos nos livros estão em inglês e espanhol porque dessa forma se alcança um público leitor mais amplo e se estabelecem conceitos e teorias acadêmicas de caráter transfronteiriço.

M e S: A escolha da linguagem está diretamente ligada à representação da identidade e aos desafios atualmente trazidos por sucessivos deslocamentos, com sua multiplicidade de contatos e contaminações. Como figura no projeto a questão da identidade nacional, binacional, ou híbrida?

CJ: Os sujeitos participantes, ao responder e enviar seus *testimonios*, identificam a si mesmos com palavras-chave tais como transfronteiriço, *transborder*, latino/a, chicano/a, mexicano/a e, desse modo, frequentemente se estabelecem como sujeitos que cruzam fronteiras. A isso se acrescenta que muitos se identificam, de alguma forma, com as feridas, e participam de práticas culturais de cicatrização ou cura, o que remete à idéia de ponte ou ligação cultural, que é central neste projeto. Suas formas de autoidentificação identitária e linguística são reveladoras: inseridas no final de cada *testimonio*, acabam convertendo-se em pequenas narrativas em si mesmas. Ilustram múltiplas configurações de identidade que tecem suas genealogias, trajetórias diaspóricas, diversas práticas linguísticas, uma gama de colocações geoculturais e espaciais cambiantes, que põem a descoberto identidades transfronteiriças híbridas, mestiças, de herança mista, transcultural, múltipla, em processo de criação e de constante mudança.

M e S: *Dentro do contexto maior das Américas, qual a participação de identidades relacionadas com o Brasil e com outros países da América do Sul nos depoimentos coletados?*

CJ: Há, por exemplo, a participação da professora da UFES Lillian DePaula, que enviou um belo poema-*testimonio* que focaliza o horror da ferida e o desafio de sobreviver à dor. O livro inclui também um testemunho emocionado de Eduardo González Viaña (peruano-estadunidense), que conta parte da história de um homem que morreu nas Torres Gêmeas em Nova York: Thiago Miranda, migrante, poeta, filósofo e jardineiro. Ele teria ficado sem voz, perdido na poeira daquele desmoronamento monumental, não fosse esse *testimonio* comovedor incluído em *Speaking desde las heridas*. Por outro lado, entre os muitos relatos vindos da América Latina que se incluem no livro, vários relembram o trauma do 11 de setembro de 1973, com a queda de Allende e o golpe no Chile. É assim que ambos os volumes permitem resgatar, de algum modo, aquelas vozes que, por meio da forma testemunhal, podem dar origem ao que Ranajit Guha chama de “a pequena voz da história”. Parece evidente que, como escreve John Beverley, o gênero *testimonio* aspira “não só a interpretar o mundo, mas também a modificá-lo”.